

*O carácter do infante D. Henrique: uma abordagem freudiana**

HAROLD B. JOHNSON

*Professor do Departamento de História
da Universidade da Virginia (EUA).*

A questão que Jaime Cortesão
nunca se atreveu a colocar:
poderá o infante D. Henrique “o navegador”
ter sido homossexual?

1. A RAZÃO PARA JAIME CORTESÃO NUNCA TER COLOCADO A QUESTÃO

O Infante D. Henrique: um enigma psicológico

A publicação recente de uma nova biografia do Infante D. Henrique, *O Navegador*,¹ põe novamente em relevo este ícone da Expansão Europeia, convidando a dispensar-se uma renovada atenção ao precursor português de Colombo. Como justificação para a sua nova biografia, Russell explica que, entre outros motivos, desejou obter uma visão mais próxima do Infante enquanto ser humano e, de facto, descobrir o que “mexia” com ele. Em diversos aspectos este escritor foi muito bem sucedido, muito mais certamente do que qualquer outra pessoa até à data. Não obstante, não chegou a tocar em determinadas questões essenciais quanto ao carácter ou personalidade do Infante; por conseguinte, apesar de toda a nova informação apresentada na biografia, quanto ao Infante e suas actividades, incluindo interpretações curiosas sobre muitos pontos já conhecidos, o verdadeiro carácter e personalidade essencial do Infante D. Henrique parecem continuar a fugir-lhe.² Como Sumption refere no seu recente estudo, “...muito pouco se sabe a seu respeito... cartas particulares raramente sobreviveram... cônju-

ges e amigos trocavam opiniões em surdina e em privado...[enquanto] cronistas sicofânticos cobriam os homens insígnies de louvores convencionais, dos quais somente emergiam bonecos de cartão.”³ Em resumo, o Infante de Sagres continua a manter-se até certo ponto numa espécie de penumbra psicológica.⁴

A sua suposta castidade

Russell negligencia especificamente a investigação referente ao tema da sexualidade do Infante D. Henrique, mencionando meramente que este detinha uma reputação geral, entre os seus contemporâneos, de ser um homem “casto”, descrição esta que Russell nunca põe em causa. Esta frase feita da historiografia henriquina baseia-se em diversos testemunhos, entre os quais se conta Zurara (“...toda sua vida passou em limpa castidade, e assim que virgem o recebeu a terra”).⁵ Conta também o testemunho de Alvise da Mosto (“Não quis nunca tomar mulher, sob grande castidade”).⁶ Por seu lado, Duarte Pacheco Pereira (1508) afirma: “...uiueo sempre tam virtuosa e castamente que nunca conheceo mulher nem bebeo vinho”.⁷ Deve ter-se em conta que nenhuma destas declarações, mesmo que possam ser totalmente verosímeis, implicam que o Infante nunca tenha empreendido alguma forma de actividade sexual; todas colocam a questão da sua “castidade” apenas no contexto das suas relações com o sexo feminino. Poder-se-á ainda notar que comentadores mais tardios revelaram-se mais ambíguos e provavelmente mais cépticos na sua abordagem do tópico. Ruy de Pina, por exemplo, comenta que “[O Infante foi]...sempre casto, e *a fazer fé na opinião comum* (itálico nosso), era virgem...”⁸, enquanto João de Barros escreve “... *porque se cre* (itálico nosso) que foi virgem.”⁹ É remota a hipótese de a sua “castidade” se dever a algum problema físico, na medida em que o seu pai, D. João I, que certamente teria conhecimento do mesmo, pelo menos duas vezes requereu dispensas papais que permitiriam ao Infante D. Henrique contrair matrimónio sem quaisquer impedimentos legais.¹⁰ Todavia, o resultado da sua aceitação dócil de uma frase feita do século XV é que Russell nunca chega realmente a encarar o Infante D. Henrique tal como ele verdadeiramente terá sido. Para além de comer, dormir e ir à missa, como comentava o seu irmão reprovadoramente,¹¹ a que mais se dedicava? Indo ao cerne da questão, não obstante a sua reputação ostensiva de “castidade”, terá tido vida sexual?

A aceitar as afirmações de longa data de Freud, nomeadamente que a sexualidade do indivíduo constitui o paradigma da sua personalidade em geral,¹² somos então confrontados no caso do Infante D. Henrique com o enigma de como uma pessoa aparentemente tão agressiva, determinada e enérgica nas suas acções e actividades (apesar dos comentários do seu irmão) poderia em simultâneo viver numa total abstinência sexual? Isto de facto não tem sentido, como Vitorino Magalhães Godinho notou há anos.¹³ Desta forma, parece que será conveniente lançar um olhar mais atento à sexualidade do Infante D. Henrique se desejarmos obter uma imagem sua mais completa enquanto ser humano e uma melhor compreensão da fonte psicológica das suas acções.

Dúvidas quanto à sua castidade

Podemos começar por notar que a aceitação rápida por parte de Russell quanto à explicação dada pelo próprio Infante D. Henrique relativamente à sua vida sexual (ou antes a falta da mesma) não encontrou sempre correspondência em Portugal. Embora a auto-imagem henriquina, já criada no século XV, de um virgem casto obcecado apenas com a ciência astronómica e a geografia tenha preponderado desde a época, alguns espíritos empreendedores de Portugal colocaram questões directas, por vezes mesmo embaraçosas. Em 1965, por exemplo, V.M. Godinho observou que é “fortemente improvável” que o Infante D. Henrique tenha permanecido virgem toda a sua vida. Provavelmente Godinho suspeitava que, na realidade, o Infante D. Henrique teria mantido relações com uma ou mais mulheres, e possivelmente teria mesmo ter gerado uma criança bastarda.¹⁴

Muito provavelmente, terá sido cepticismo deste género entre os historiadores portugueses que terá alimentado o boato importuno quanto a um documento, supostamente visto uma vez de relance por Domingos Maurício dos Santos nos arquivos do Vaticano, pelo qual o Infante D. Henrique vinha requerer ao Papado que legitimasse um filho ilegítimo. Tendo Gomes dos Santos reivindicado ter visto o documento, este foi mais tarde procurado por diversos investigadores, porém inutilmente, levando à subsequente suspeita de que o documento, se alguma vez existiu, terá sido mais tarde removido de lugar ou furtado. E nesta confusão indecisa ainda se mantém a questão.¹⁵

Todavia, o aspecto mais significativo e revelador de toda esta contenda não é, no nosso entender, a questão ostensiva de saber se o Infante D. Henrique terá na verdade sido pai de uma criança ou se o documento que atesta este facto chegou alguma vez a constar dos arquivos do Vaticano, mas antes a comprovação que proporciona de que a classe dos historiadores portugueses há muito que se sente constrangida com a ideia de um herói nacional assexuado, uma imagem demasiado sugestiva de excentricidade ou mesmo até de anormalidade. Na realidade, é de suspeitar que para muitos historiadores portugueses teria sido bastante melhor que o Infante D. Henrique tivesse sido o pai dissoluto de um bastardo do que um indivíduo que não sentisse qualquer interesse pelo sexo feminino.

Porém, o que nenhum destes historiadores que aparentemente (e muito acertadamente) não se satisfizeram na totalidade com a história da “castidade”, se chegou a aperceber, ou talvez tenham receado referir a questão se tal ideia lhes tivesse ocorrido, é que a resposta mais sensata e lógica para o mistério da sexualidade do Infante D. Henrique era a de que este nunca manifestara qualquer interesse por mulheres pela simples razão que se interessava antes por homens: em resumo, um homossexual não assumido que terá passado a maior parte da sua vida a ocultar a verdade a respeito da sua vida sexual, envidando para o efeito esforços certamente consideráveis. Tal ideia, contudo, tem sido encarada como sendo demasiado herética até para ser levada em conta, e tanto quanto temos conhecimento, nunca alguma vez terá um historiador português mencionado a homossexualidade no mesmo fôlego que o Infante D. Henrique.¹⁶ Muito menos Jaime Cortesão, o qual, embora o seu ponto de vista relativamente ao Infante tenha sofrido diversas transformações e desenvolvimentos,¹⁷ nunca indica a possibilidade de qualquer desvio sexual, e com toda a certeza nunca dedicou à ideia sequer um segundo de atenção. De facto, a única ocasião em que Jaime Cortesão falou de sexo em conexão com o Infante D. Henrique foi no seu drama juvenil, *O Infante de Sagres*, no qual concebe o Infante D. Henrique a interpelar o mar com metáforas sexuais: “Levarei Portugal a desnudar-te o seio... Água, virgem cruel, hei-de à força violar-te...”. Tudo isto sugere, com certeza, uma orientação heterossexual.¹⁸

2. NESSE CASO, COLOCAMOS NÓS A QUESTÃO POR ELE

Conceito metodológico de sigilo

Os tempos já não são os mesmos desde a época de Cortesão, contudo, e tópicos anteriormente evitados têm estado nos últimos anos mais abertos à investigação e discussão. Em vista disto, embora os historiadores portugueses possam ainda hesitar quando confrontados com a questão da sexualidade do Infante D. Henrique, assumimos nós a questão de saber se o Infante terá sido ou não homossexual, colocando algumas perguntas pertinentes bem como propondo o que esperamos ser respostas razoáveis, tudo isto sendo para Cortesão certamente demasiado perturbador alguma vez tivesse considerado ou discutido o assunto.

Não obstante, deve enfatizar-se que nas perguntas e respostas apresentadas faremos esforços especiais para utilizar como modelo a metodologia histórica do próprio Jaime Cortesão. Em suma, tentaremos colocar-nos na posição de Cortesão, fazendo o tipo de perguntas que este teria formulado se se tivesse atrevido a fazê-lo, e procurando as nossas respostas estritamente de acordo com os seus próprios instrumentos e abordagens historiográficos inovadores. Neste contexto, faremos uso em particular do seu conceito de *sigilo*, que define como "... um problema de método para aquilatar o valor das fontes informativas..."¹⁹, enquanto que Luís de Albuquerque explica o termo de forma mais pormenorizada, comentando que "... Jaime Cortesão levou-a [a ideia de sigilo] às últimas consequências, já inferindo consequências positivas da ausência de elementos testemunhais, já procurando ler os textos com redobrada atenção para descobrir o que eles omitiam, ou, em seu entender, continham de sibilamente criptográfico."²⁰ Aderir a esta técnica de Cortesão é apenas justo e apropriado, acreditamos, não apenas pelo respeito que nos merece o Mestre de história, mas também para evitar introduzir técnicas ou hipóteses estrangeiras num assunto notoriamente delicado, que bem poderá fazer subir o sangue patriótico à cabeça dos portugueses. Em resumo, contaremos profundamente com o conceito de *sigilo* para investigar a vida sexual do Infante D. Henrique, tentando tanto quanto possível mantermo-nos fiéis à metodologia de Cortesão.

3. RAZÕES PARA SUSPEITAR DO SIGILO DO INFANTE

O uso do sigilo por parte de D. Henrique

Antes de mais, será necessário olhar atentamente para a imagem decididamente incompleta do Infante D. Henrique e do seu comportamento já traçada pelo próprio Cortesão. Não obstante ser incompleta, certamente que não é destituída de relevância, e deveremos considerar com particular cuidado a descoberta de Cortesão segundo a qual o Infante D. Henrique praticava o que denominava de “política de sigilo” relativamente às suas descobertas geográficas, em especial às suas viagens pioneiras à América. Utilizando vários indícios que conseguiu detectar e, por assim dizer, fazer aparecer como por encanto a partir de documentação relevante, Cortesão chegou à conclusão que muitas das expedições marítimas enviadas pelo Infante D. Henrique teriam de facto descoberto terra firme nas margens ocidentais do Oceano Atlântico, mas que o Infante, por “razões de Estado”, subsequentemente teria feito os maiores esforços para evitar que esta informação viesse a público.²¹ Neste sentido, as investigações de Cortesão tornam amplamente claro que o Infante D. Henrique era um devoto entusiástico do secretismo e muito hábil em ocultar informações importantes de olhares indiscretos.

Ora então, iremos mais além e colocaremos a questão: teriam sido estas descobertas geográficas os únicos “segredos” que o Infante D. Henrique teria tido razão para encobrir? Não poderiam ter existido outros “segredos” na sua vida e nos seus assuntos relativamente aos quais teria tido boas razões para não querer que o público deles tomasse conhecimento? Não poderão ter ocorrido outros acontecimentos que possuísem o potencial para lhe causar muito mais pesar do que uma ou duas viagens rivais castelhanas que poderiam usurpar as suas terras recém-descobertas? De facto, como nos relembra Cortesão, “Mas para além dos segredos desvelados não haverá outros que tenham permanecido ocultos? Parece-nos que à luz da história cultural, da forma de vida dos Portugueses e da psicologia dos caracteres²², é possível perscrutá-los.”²³

Neste caso devemos concordar com Cortesão e replicar que, na verdade, o Infante D. Henrique poderá ter tido outros segredos para ocultar. Se o Infante era sexualmente “anormal”, especificamente homossexual (e por en-

quanto trata-se apenas de uma hipótese de trabalho), não terá sentido a necessidade para ocultar esta informação do público por numerosas razões? De facto a “sodomia” (como na época se denominava) era encarada quase universalmente como um pecado atroz que merecia pena de morte. Nos termos do código real de 1449: “Sobre tôdoslos pecados, bem parece ser mais torpe, sujo e desonesto o pecado da sodomia, e não é achaco outro tão aborrecido ante Deus e o mundo como ele; porque não tão somente por ele é feita ofensa ao criador da natureza, que é Deus, mais se pode dizer que toda natura criada, assim celestial como humanal, é grandemente ofendida. E segundo disseram os naturias, somente falando os homens em ele sem outro algum auto, tão grande é o seu aborrecimento que o ar o não pode sofrer, mais naturalmente “e corrompido e perde sua natural virtude;... e por este pecado foi destruída a Ordem do Templo por toda a Cristandade em um dia. E porque segundo a qualidade do pecado, assim deve gravemente ser punido: porém mandamos e pomos por lei geral que todo homem, que tal pecado fizer, por qualquer guisa que se possa, seja queimado e feito per fogo em pó, por tal que já nunca de sue corpo e sepultura possa ser ouvida memória.”²⁴ Não obstante ser pouco provável que um príncipe real culpado de tais práticas fosse executado pelo crime cometido, em comparação com um súbdito comum, para uma personalidade tão vaidosa e desejosa de glórias futuras como o Infante D. Henrique, tal reputação teria sido certamente intolerável: uma mancha irreparável na sua imagem relativamente à qual teria seguramente tomado todas as precauções para evitar. Por conseguinte, sigilo quanto a quaisquer tendências no género teria sido essencial e não podem haver dúvidas de que o Infante nunca terá cessado os seus esforços para manter a sua sexualidade precisamente neste estado: um segredo.²⁵

Ora, como Cortesão gostava de comentar, “resta um problema a esclarecer.”²⁶ Especificamente, de que forma poderá D. Henrique ter engendrado tal dissimulação? Neste ponto, suspeita-se que poderá ter seguido duas linhas de acção principais, tal como, de acordo com Cortesão, seguiu duas linhas de acção na sua política para encobrir as suas sensacionais descobertas geográficas.

(1) A primeira poderia consistir uma campanha de desinformação que provavelmente tomaria a forma de se declarar casto ou não-sexual como explicação para a sua óbvia falta de interesse pela companhia feminina. E de

facto foi isto exactamente o que o Infante fez. Sempre que surgia uma questão relativamente à sua vida sexual, a “castidade” ou “virgindade” era a explicação oferecida pelo Infante ou seus agentes. (2) A segunda consistiria em remover através de disfarce e/ou dissimulação quaisquer provas que pudessem revelar a verdadeira natureza das suas ligações emocionais.²⁷

4. PROVAS DO SIGILO E ALGUNS INDÍCIOS DO QUE PODERIA ESTAR A SER DISSIMULADO

Campanha de desinformação

As provas de uma campanha de desinformação são abundantes. A maior parte centra-se na sua reputação jactanciosa de castidade, bem como a sua religiosidade ostensiva. Na verdade, o facto de D. Henrique possivelmente se aproveitar da desculpa da “castidade” como máscara para as suas inclinações homossexuais torná-lo-iam um digno antepassado do seu neto-sobrinho, D. João II, o qual é apresentado por Cortesão como mestre consumado na arte de espalhar desinformação para despistar espíritos indiscretos quando tal lhe fosse conveniente. Contudo, o mais curioso relativamente à reputação de castidade de D. Henrique é que esta já existia, aparentemente, desde os seus tempos da puberdade.²⁸ Isto torna difícil encarar a questão como uma opção tomada após um período inicial de experiência sexual – algo que se esperaria num jovem “normal” – ou um estilo de vida que mais tarde terá decidido adoptar. Pelo contrário, parece que se tratou de algo “intrínseco” à sua personalidade desde o início, por assim dizer. Em suma, o Infante parece NUNCA ter estado interessado sexualmente em mulheres em qualquer período da sua vida – enquanto novo ou já adulto. E isto, quase certamente, é uma marca de um homossexual “genético”. Esta falta de interesse por mulheres é explicitamente revelada no seu parecer redigido na véspera da expedição a Tânger.²⁹

Indícios do que tentava dissimular; Crónica de Guiné de Zurara

Para além da política, acima mencionada, de desinformação relativamente à sua sexualidade, por meio da pretensão de “castidade”, existem

também provas consideráveis, manifestas para quem esteja preparado para as descobrir, de que o Infante terá envidado muitos esforços para encobrir informações embaraçosas quanto às suas inclinações libidinosas.

Em primeiro lugar, existe um conselho algo estranho e ambíguo dado ao Infante por parte do seu irmão robustamente heterossexual, o rei D. Duarte,³⁰ no sentido de o Infante D. Henrique não dever "...mais prazer ao homens que quanto com grande verdade, justiça e toda a maneira virtuosa o poderes fazer, lembrando-vos que não deveis desprezar a Deus por comprazer a outra criatura...." Embora não seja totalmente claro ou explícito, este aviso oblíquo poderia bem referir-se a actividades sexuais desviantes, aludidas com delicadeza.³¹

Em segundo lugar, para um homem tão pronto a difundir de lés a lés uma imagem favorável de si mesmo, não apenas aos contemporâneos, mas também para a posteridade, é extremamente singular que tenha sobrevivido apenas uma única fonte literária significativa a seu respeito. Trata-se da *Crónica de Guiné*, da autoria de Gomes Eanes Zurara.³² Ora é sabido que, no século XV, Zurara não era de forma alguma a única fonte de informação a respeito do Infante D. Henrique. Existiu também uma outra crónica da sua vida e actividades, aparentemente extensa, da autoria de um escritor misterioso chamado Afonso Cerveira. Zurara deixa escapar este facto em várias passagens da sua própria crónica, em que reconhece que deve muitas das suas informações a respeito do Infante D. Henrique ao trabalho anterior de Cerveira.³³ Contudo, surpreendentemente, a crónica de Cerveira desapareceu por completo, evaporou-se sem deixar qualquer rasto para além das referências feitas na narrativa de Zurara. Por que razão terá isto acontecido? Certamente não seria comum que crónicas importantes simplesmente desaparecessem. Na verdade, relativamente às vidas e actos de outros membros da família desse período subsistiram múltiplas fontes. Quanto ao Infante D. Henrique, misteriosamente, existe apenas uma: Zurara.

Igualmente significativo é o facto de ser universalmente aceite que a crónica de Zurara terá sido escrita com a intenção primordial de retratar o Infante e as suas actividades de forma lisonjeira. A crónica foi encomendada pelo sobrinho do Infante, o rei D. Afonso V (1438 – 1481), pouco tempo depois de aquele lhe ter prestado um apoio crucial e decisivo na vitória contra a facção que se opunha à subida de D. Afonso ao trono, e após o Infante D. Henrique ter redigido um testamento deixando em herança as suas vastas

propriedades ao irmão de D. Afonso (o Infante D. Fernando, 1433-1470).³⁴ Montado pelo escriba real e bibliotecário, a obra de Zurara é uma recensão elogiosa destinada a recompensar a lealdade do Infante, cuidadosamente forjada para enfatizar as suas virtudes e excluir quaisquer defeitos: em suma, um prémio.³⁵ Para além disto, é provável que o próprio Infante tenha analisado a narrativa de Zurara à medida que esta ia sendo escrita. Citando a pertinente observação de Cortesão: “[A crónica de Zurara]... estava possivelmente sujeita à censura do Infante que teria eliminado tudo o que não queria ver revelado.”³⁶

Indícios de dissimulação presentes na Crónica

Mesmo Zurara, num exame mais atento do seu texto, parece ter sentido algumas reservas, até escrúpulos, em relação ao que era constrangido a escrever. A este respeito, o seu panegírico ao Infante, geralmente rejeitado pela lisonja retórica estereotipada destinada a exhibir o conhecimento dos clássicos por parte do autor, merece mais atenção do que geralmente se lhe dispensa.³⁷ Que Zurara se encontrava sujeito a uma pressão considerável deve ser claro para qualquer leitor discernente. De facto, uma leitura cuidadosa (Capítulo VI da Crónica) revela diversas passagens ambíguas por entre o fluxo constante de louvores generosos. Estas transmitem definitivamente o mal-estar de Zurara no que respeita à conduta moral do Infante D. Henrique, uma sensação incómoda de que existiam algumas questões a respeito do Infante demasiado delicadas para serem mencionadas e que não estava em condições de declarar abertamente. Na verdade, Zurara estava profundamente ciente do seu dever profissional como historiador para com a verdade, e ter de contornar estas questões criava-lhe dificuldades embaraçosas. Estava forçado pelas circunstâncias em que se encontrava a encobrir a verdade, mas em simultâneo, para aliviar a consciência quanto ao dever de honestidade que, nas suas palavras, é da responsabilidade de todo o historiador,³⁸ terá resolvido o problema apresentando alusões indirectas a factos através de referências clássicas que apenas poderiam ser detectadas por quem possuísse alguma educação cultural.

Isto foi feito adoptando como expediente a formulação de várias perguntas retóricas a um interlocutor imaginário, Valerius Maximus (ca. 1-50 A.D.), autor romano da “Idade de Prata”, que escreveu uma compilação de exemplos morais, incluindo um sobre a Castidade.³⁹ Não obstante Valerius Maximus discutir diversos casos que envolvem homossexualidade, o que se revela interessante é a personagem que Zurara escolhe para estabelecer uma comparação com o Infante. De entre vários exemplos possíveis fornecidos por Valerius, Zurara opta por César e inclui referências específicas aos seus supostos vícios,⁴⁰ citando mais tarde São João Crisóstomo (354-407), bispo cristão do século IV e autor conhecido pelas suas denúncias incessantes de homossexualidade, no sentido de não existir santo sem vício.⁴¹ A não ser que Zurara tivesse na mente especificamente a homossexualidade, torna-se estranho que tivesse seleccionado precisamente estas duas personagens de todas as figuras possíveis da antiguidade romana para tecer comparações e comentários.

Igualmente estranho é o facto de tão poucas outras informações sobre a vida do Infante D. Henrique, para além das fornecidas por Zurara, terem chegado até nós, o que é invulgar no contexto português, em que todos os outros membros da geração real deixaram escritos bem como quantidades consideráveis de objectos e peças de vestuário.⁴² Temos uma certeza muito eloquente, todavia: todos os pertences do Infante que pudessem fornecer pistas não só quanto às suas viagens ambiciosas ao Novo Mundo mas também quanto à sua vida privada terão sido cuidadosamente arredados de olhares indiscretos, não sendo sequer mencionados nas cartas de quitação que pormenorizam o seu inventário post mortem.⁴³ Revela-se bastante significativo que, no mesmo ano em que faleceu, grande parte destes bens tenham sido reunidos e feitos desaparecer por Fernando de Castro, um fidalgo relacionado intimamente com o Infante, e por João Fernandes da Silveira, que levava a cabo missões diplomáticas a favor do Infante na Itália. Torna-se pertinente supor que terá o próprio Infante quem tenha indicado a estes companheiros próximos que desejava que a totalidade de tais bens fosse destruída após o seu falecimento.⁴⁴

5. PROVAS CIRCUNSTANCIAIS DO SEU ESTILO DE VIDA HOMOSSEXUAL

Prova dos seus fortes laços afectivos para com homens

Como já notámos, o panegírico ambíguo de Zurara indicia alguns dos “vícios” na natureza do Infante, que evita descrever. Quais poderão ter sido tais “vícios”? Na nossa procura de pistas do que Zurara poderia estar a aludir, examinaremos primeiro as provas circunstanciais, e a seguir as psicoanalíticas, que estão à nossa disposição.

Enquanto que o Infante D. Henrique aparentemente não sentia qualquer desejo pela companhia feminina, tecendo comentários indiscutivelmente misóginos⁴⁵, é nítido que era capaz de estabelecer laços afectivos para com membros do seu próprio sexo. Isto torna-se manifesto a partir do relato de La Sale quanto à reacção do Infante aquando da morte de um companheiro de armas na batalha de Ceuta já mencionada.

“E diremos das grandes mágoas, dos suspiros e das lágrimas que o bom senhor Dom Henrique, dia e noite, fez pela morte do seu bom servo, que tão carinhosamente e com todas as honras o educou e aconselhou... Especialmente [falamos] do dito senhor Dom Henrique que apesar dos rogos de pai, de irmãos e quaisquer outros não cessou a sua grande dor. E quando vinham dar-lhe conforto, dizia ao rei e a todos: Ah! senhor! Ah! senhores meus irmãos, ah! vós todos, meus amigos, como poderia o coração humano não sentir sempre a dor da perda de alguém tão bom, tão leal, tão valoroso, por um amigo e servo tão verdadeiro como este era para comigo, que dia e noite me guiava,... E logo recomeçavam os seus prantos, as suas lástimas e a sua maravilhosa dor, em que estive mergulhado muitos dias, que tal pesar nunca antes existira. E para mostrar quanto o amava e que tormentos sentia, tendo passado o ano de luto pela rainha sua mãe, desejou ainda trajar-se de negro por mais três meses, sem cuidar de barba ou cabelo.”⁴⁶

De facto, a sua tristeza aparentava ser tão excessiva que terá sido reprimido pela mãe do seu falecido amigo, que lhe terá dito: “Ah! senhor, mas o que tendes? Onde está a vossa virtude real, a vossa dignidade e a vossa juventude, para desta forma pranteares e carpies como uma donzela? Não vos fica bem.”⁴⁷

Provas do seu interesse por jovens

Contudo, as ligações afectivas do Infante para com o sexo masculino não se limitavam a homens da sua idade ou mais velhos. Zurara, com alguma inocência, é altamente revelador a este respeito. Sem parecer compreender totalmente as implicações do que escreve, dá-nos conta repetidas vezes que virtualmente todas as capturas de escravos organizadas pelo Infante ao longo da costa de África eram levadas a cabo por rapazes novos, frequentemente adolescentes, muitos dos quais conviviam intimamente com o Infante desde a infância, e que quase sempre são descritos como tendo sido criados desde tenra idade na sua “câmara”.⁴⁸ Ora “câmara” queria dizer originalmente o quarto de dormir⁴⁹ e poderá usar-se este sentido neste contexto. O termo, no entanto, também se pode referir, por interpretação extensiva, à área da casa que se dedicava principalmente à vida particular do Infante.⁵⁰ O rei D. Duarte, irmão do Infante D. Henrique, no seu *1.º* Conselho,⁵¹ descreve a residência aristocrática como consistindo de cinco áreas principais: “Primeira, sala, em que entram todollos do seu senhorio que omzyzados nom som, e assy os estrangeiros que a ella querem viir. Segunda, camara de paramento, ou antecamara, em que custumam estar seus moradores e alguus outros notavees do reyno. Terceira, camara de dormyr, que os mayores e mais chegados de casa devem aver entrada. Quarta, trescamara, onde sse custumam vestir, que pera mais speciaaes pessoas pera ello perteecentes se devem propriar. Quinta, oratorio, em que os senhores soos alguas vezes cadadia he bem de sse apartarem pera rezar, leer per boos livros, e pensar em virtuosos cuidados.”⁵² É interessante notar que a entrada para o quarto mais isolado era protegida pelos menos resguardados, de forma que só era possível entrar no quarto de vestir passando pelo quarto de dormir e de lá para o oratório, o local mais privado de todos.⁵³ Qualquer que tenha sido o significado exacto do termo “câmara” utilizado por Zurara, é patente que estes jovens estavam em contacto extremamente próximo com o Infante desde uma idade muito tenra até este os enviar em expedições de captura de escravos.⁵⁴ Em suma, o Infante D. Henrique vivia no que potencialmente constituía um paraíso pedófilo: uma residência inteiramente sob o seu controlo cheia de “moços da câmara” muito jovens, muitos dos quais terá criado, como testemunha a crónica, “de moço pequeno”.⁵⁵ Embora não se deva, em nosso entender, chegar ao ponto de acusar o Infante directamente de pederastia, ainda assim pode duvidar-se de

o Infante ter sido um chefe de escuteiros totalmente virtuoso, pelo menos do tipo tradicional. Pelo contrário, assemelha-se antes a um Fagin na versão cristã, náutico e rico, rodeado de sangue novo que tomava sob a sua protecção e que depois enviava para o mar, assim que os jovens chegavam à puberdade, para capturar escravos por ele depois vendidos, enquanto que paralelamente também procurava explorar a costa atlântica de África. De facto, a Crónica de Guiné está repleta de testemunhos deste facto, em quase todos os capítulos. Os pormenores da sua relação com estes rapazes antes de os enviar para as explorações são desconhecidos, com certeza, muito possivelmente devido à política de sigilo do Infante e à discrição embarçada de Zurara.⁵⁶ Não obstante, é interessante notar que Sousa descreve o ambiente na sua residência ducal como se segue: "...[O Infante tinha-se] acostumado ao abandono de certas regras de excessivo decoro, usualmente característico de um importante senhor feudal, de abastada Casa, solteiro e sem filhos, habituado ao convívio alegre e espontâneo com seus criados. Era muito apegado a estes e largo era o número dos que com ele moravam."⁵⁷

Gosto por vestuário sofisticado e elegante

Embora não possa ser conferido valor probatório ao que se sabe a respeito do seu gosto por vestuário elaborado e luxuoso, certamente que tal não será incompatível com a ideia de que poderá ter sido homossexual. Como Sousa relata, preocupava-se com a sua aparência exterior, que estava longe de ser modesta, bem como a dos seus servos próximos, a quem mandava fazer fardas refinadas mas vistosas.⁵⁸ Estas certamente incluíam as calças justas, como as dos bailarinos de hoje em dia, tão características do vestuário masculino da época medieval tardia.⁵⁹ O Infante era muito dado à moda inglesa e francesa e insistia no luxo e elegância do vestuário do seu séquito. Predominavam as sedas e tecidos bordados, geralmente importados. Também é possível que em 1449 ele próprio tenha concebido os novos hábitos destinados aos cavaleiros da Ordem de Cristo, por ele administrada, recorrendo a tecidos ricos e faustosos.⁶⁰

6. QUE TIPO DE HOMOSSEXUAL PODERÁ TER SIDO?

Ora, como Cortesão dizia mais de uma vez, “resta um problema a esclarecer”.⁶¹ Face a tamanha quantidade de provas circunstanciais que sugerem que o Infante D. Henrique sentiria inclinações homossexuais, será útil determinar que tipo de homossexual poderá ter sido. Neste âmbito, propomos que nos viremos para a obra clássica de Wilhelm Reich sobre *Character Analysis* (Análise de Carácter), no qual este elabora descrições genéricas quanto aos vários tipos psicológicos.⁶²

Perfil caracterológico do Infante D. Henrique: uma abordagem freudiana

Tomando em consideração o comportamento e as características físicas do Infante D. Henrique que são conhecidos, é espantoso descobrir quão perfeitamente se ajusta ao que Reich denomina de “tipo fálico-narcisista”. Reich descreve este tipo como mostrando-se “autoconfiante...arrogante...frequentemente impressionante nas suas atitudes... predominantemente um tipo atlético. Os traços faciais exibem geralmente linhas másculas duras e angulosas.” Quanto às características psicológicas, Reich afirma: “na vida quotidiana, o carácter fálico-narcisista antecipa geralmente qualquer ataque iminente com um ataque seu... os tipos mais pronunciados tendem a alcançar posições de liderança na vida... a coragem agressiva é um dos traços mais proeminentes do seu carácter... [enquanto] as relações com as mulheres são perturbadas pela típica atitude de depreciação para com o sexo feminino.” Reich nota ainda que este tipo demonstra “menos perfeição no que respeita a pormenores”, bem como “...súbitas vacilações entre estados de espírito de autoconfiança máscula e estados de profunda depressão. A capacidade de trabalho é da mesma forma igualmente perturbada.” Mais tarde: “Por conseguinte, verificamos uma tendência para a *fellatio* na forma sexualmente activa deste tipo de carácter, para além de *uma atitude maternal para com homens mais novos*, no caso dos homens [italico nosso]....”⁶³

O Infante D. Henrique enquadra-se nesta descrição em virtualmente todos os aspectos. Os seus contemporâneos descreviam-no como sendo robusto e “muito atraente” de aparência, de membros amplos e corpo

musculado e "camudo".⁶⁴ Psicologicamente, era sem dúvida um indivíduo de vistas largas e esquemas audaciosos: energético, homem de acção, inclinado a ignorar tudo e todos os obstáculos para atingir os seus fins. O seu comportamento em Ceuta foi encarado na generalidade como corajoso, talvez até em excesso. Nas palavras de Russell: "Foi em Ceuta que o Infante, na sua primeira batalha, conquistou entre os seus pares uma reputação para a vida de um soldado excepcionalmente valoroso mas também impetuoso e imprudente, que mantinha a convicção arriscada que, pelo menos ao combater os infiéis, o brio e o fanatismo religioso eram mais importantes do que a estratégia cuidadosa e a tática..."⁶⁵ Da sua vaidade narcisista e fome de fama existem provas amplas. Não apenas supervisionou, como já mencionado, a composição da narrativa laudatória de Zurara quanto às suas actividades, mas também dispôs no seu testamento uma forma de "garantir o seu [desejo de] renome póstumo" através de generosos legados à Igreja.⁶⁶ E de novo, tal como no protótipo de Reich, a atitude do Infante para com mulheres, como já vimos, era de uma censura que chegava à raia da depreciação. Também era encarado como procrastinador⁶⁷ e indiferente a pormenores, um traço pelo qual recebeu uma reprimenda pelo seu irmão D. Duarte.⁶⁸ Para além disto, tal como o protótipo de Reich, os estados de humor do Infante podiam vacilar entre a confiança suprema e a profunda depressão, tal como a que sofreu pouco tempo depois do fiasco desastroso da conquista de Tânger. De acordo com Russell, "Fazendo uso do pretexto dúbio de que deveria permanecer em Marrocos para tomar providências quanto à libertação de D. Fernando (o irmão mais novo dado como refém aos mouros como garantia da submissão portuguesa com os termos do tratado acordado entre o Infante D. Henrique e o líder muçulmano), o Infante recolheu ao leito aquando da sua chegada a Ceuta e lá permaneceu algumas semanas, fazendo constar que se sentia esgotado pelos esforços despendidos na Cruzada... O Infante isolou-se em Ceuta durante alguns meses... é manifesto pelo seu comportamento que... passou por... uma séria crise espiritual durante a qual talvez tenha sucumbido a um daqueles períodos de apatia quanto às questões mundanas que, segundo as alusões de Zurara, sobrevinham por vezes a este homem normalmente hiperactivo e aparentemente autoconfiante."⁶⁹ O Infante também revela claramente a atitude protectora e maternal mencionada por Reich para com os vários adolescentes a quem "criara na sua câmara", e que depois enviava como exploradores e

recrutadores de escravos ao longo da costa africana, antes de os recompensar com posições de destaque na sua residência.⁷⁰

A empresa henriquina e seu significado inconsciente

O nosso conhecimento analítico quanto ao carácter do Infante, todavia, não tem de se limitar à tipologia de Wilhelm Reich, na medida em que existem outros indícios das suas propensões sexuais, relativamente aos quais o Infante certamente não tinha consciência, e que podem ser descobertos se recorrermos a uma abordagem freudiana. De facto, não obstante toda a energia que o Infante D. Henrique possa ter despendido para encobrir a verdadeira natureza da sua sexualidade, não podia fazer ideia, estando as ideias de Freud ainda muito longínquas no futuro, de quão reveladoras poderiam vir a tornar-se algumas das suas opções inconscientes. De entre todas as fontes de informação, a primordial é a sua empresa (emblema ou distintivo), algo escolhido pelo próprio e encarado no período medieval tardio como símbolo do seu carácter íntimo. Destinada a servir como a manifestação visível da sua natureza essencial, também pode ser analisada no sentido de revelar aspectos inconscientes da personalidade do sujeito.⁷¹

No caso do Infante D. Henrique, a empresa por ele escolhida para o simbolizar consistia de duas “pirâmides” — estranhamente estreitas e alongadas — sobrepostas sobre dois círculos concêntricos pintados de negro e azul escuro (o que não deixa de ter alguma graça). O conjunto é rodeado de uma coroa de ramos espinhosos⁷² e entrelaçados de carrasqueira⁷³, carregados de bolotas (ver ilustração). Para começar a aprofundar o simbolismo inconsciente de tudo isto, será necessário primeiro relembrar o uso legendário da bolota como símbolo do glans penis,⁷⁴ o que, por sua vez, sugere que a coroa de ramos representa provavelmente a área púbica. Por sua vez, isto proporciona-nos as pistas necessárias para compreender as “pirâmides” e os círculos. No contexto sexual da bolota (pénis), as “pirâmides” podem muito logicamente ser vistas como um par de falos erectos contra um fundo de orifícios corporais, embora seja incerto se estes representam aberturas anais ou orais; poderá tratar-se de qualquer uma das duas hipóteses ou ambas.⁷⁵ Em qualquer caso, o simbolismo inconsciente do conjunto carrega uma implicação inequívoca de penetração sexual, incluindo a prática de fellatio, a

qual segundo Reich será típica deste tipo de carácter. A divisa do Infante, talent de bien fere, [zelo na realização de coisas admiráveis ou mais coloquialmente “determinação para fazer bem”]⁷⁶ está inscrita sobre as pirâmides. Por conseguinte, uma leitura freudiana da empresa do Infante apresenta-o como detentor de uma personalidade agressiva e ambiciosa com uma fixação inconsciente nos genitais masculinos e na relação sexual oral ou anal; em suma, a encarnação perfeita do homossexual extrovertido e fálico-narcisista de Reich.

7. REMODELAÇÃO E REABILITAÇÃO DE UM ÍCONE

O Infante D. Henrique como ícone nacional português

Tal como, há anos atrás, Salazar utilizou a imagem do Infante D. Henrique como o pioneiro casto e virginal do império⁷⁷, para servir como uma espécie de “autenticador” histórico para a sua própria pessoa, sugerimos agora que as organizações de homossexuais de Portugal aproveitem a figura do Infante, a rainha do armário,⁷⁸ como autenticador para as suas comunidades. Na verdade, que maior caminho para a total inserção e aceitação poderia este grupo encontrar do que ter a possibilidade de reivindicar o mais famoso de entre os filhos de Portugal como um dos seus? Em lugar de a sua imagem revelar um homossexual marginalizado, poderá antes aquela ser renovada, remodelada e repolida para servir novos valores e novos propósitos icónicos: o homossexual mais famoso e provavelmente mais notável de Portugal.

8. CONCLUSÃO

O nosso estudo, assim sendo, dedicou-se a dois objectos. O primeiro consistiu em evidenciar como o brilhante e inovador conceito de sigilo de Cortesão enquanto método histórico pode ser alargado e ampliado a campos muito além dos que terá usado para servir os seus interesses particulares; e o segundo, para demonstrar como, ao fazê-lo, se torna possível descobrir provas importantes anteriormente ocultas aos historiadores, por inadvertência ou mais provavelmente por terem sido intencionalmente encobertas. A

maior parte destas provas teve de ser elaborada indirectamente, seguindo o modelo do notável trabalho de detective de Jaime Cortesão quanto às descobertas geográficas do Infante D. Henrique. Porém, ampliamos o âmbito deste método, incluindo provas psico-analíticas e de outro cariz, mostrando de seguida que, pela aplicação da sua técnica (a política de sigilo) a uma questão histórica distinta, se torna possível divisar o carácter e personalidade ocultos de uma figura icónica e até agora enigmática da história mundial, o Infante de Sagres.

Embora não tenhamos conseguido, confessadamente, surpreender o Infante D. Henrique num documento que claramente tratasse de um acto de sexo homossexual, muito provavelmente pelas razões explicadas pela “política de sigilo” de Jaime Cortesão, ainda assim as provas circunstanciais e psico-analíticas que existem apontam numa direcção apenas – para a conclusão de que se o Infante possuía algum tipo de líbido ou sexualidade (e é impossível acreditar que isto não acontecia) terá sido de uma natureza homoerótica.

Em conclusão, citemos o Mestre: “A história secreta é, por definição, a mais difícil de estudar e esclarecer. É também a mais tentadora, aquela que está pedindo uma mentalidade renovada, que faça tábua rasa dos crónistas oficiais – escribas submissos a interesses cerradamente nacionalistas do Estado ou à glória pessoa dos amos⁷⁹ - e que não tema a fria e desdenhosa prudência dos que se furtam a todos os riscos até os de imaginar e verificar audaciosas hipóteses de trabalho.”⁸⁰ E mais tarde, “Quando uma história abstrai pura e simplesmente deste espécie de problemas deixa de corresponder às mais elevadas exigências duma ciência do homem.”⁸¹

O artigo acima apresentado tentou precisamente confrontar-se com os riscos a que Cortesão se referia, dando portanto resposta “aos requisitos mais elevados de uma ciência humana” ao “conjecturar e verificar”, tanto quanto possível, uma “hipótese de trabalho audaciosa”: que o Infante D. Henrique, O Navegador, era quase com toda a certeza – mas em segredo – um homossexual.

NOTAS

* Queria agradecer especialmente os valiosos comentários e críticas do Prof. David Abulafia (Cambridge University, UK).

¹ RUSSELL, Sir Peter. *Prince Henry 'the Navigator': a life* (Londres e New Haven, 2000). O livro recebeu a recensão crítica favorável e competente de Jonathan Sumption, na obra "Gold was the Lure," *The Spectator* (5 August, 2000), e de J. M. Roberts, "No passage to India," *Times Literary Supplement* (14 de Julho, 2000). Por outro lado, a recensão crítica recente da autoria de Richard L. Betz em *Terrae Incognitae*, vol. 33 (2001), 92-93, é, no mínimo, bastante menos satisfatória.

² RUSSELL. *op.cit.*, p. 3: "...somos confrontados de imediato com uma personalidade obstinadamente enigmática que parece apresentar, qual camaleão, um leque de diferentes imagens de acordo com os vários contextos em que se nos depara."

³ Sumption, p. 36.

⁴ Ver os comentários excepcionalmente pertinentes de MARQUES, Alfredo Pinheiro. A Maldição da Memória e a Criação do Mito: o Infante D. Pedro e o Infante D. Henrique nos Descobrimentos. In: *Os Descobrimentos Portugueses no Século XV: II Simpósio de História Marítima*. Lisboa, 1999, p. 125-126: "A verdade é que o Infante D. Henrique, nas suas acções e nas suas omissões, foi sempre uma personalidade muito enigmática e apagada...o que é extremamente estranho para alguém que detinha a segunda maior Casa Senhorial do país..." (p. 125).

⁵ ZURARA, Gomes Eanes de. *Crónica de Guiné*. Porto: ed. com Introdução por José de Bragança, 1973), p. 22. Bragança é da opinião, contudo, que esta passagem é uma interpolação posterior, retirada provavelmente de Diogo Gomes (Zurara, xxxv).

⁶ *Viagens de Luís de Cadamosto e Pedro de Sintra*. Lisboa: ed. Academia Portuguesa da História, 1988, p. 4 e 84.

⁷ PEREIRA, Duarte Pacheco. *Esmeraldo de situ orbis*. Lisboa: ed. Damião Peres, 1988, p. 77.

⁸ PINA, Ruy de. *Chronica do Senhor Rey D. Affonso V*. Porto: ed. M. Lopes de Almeida, 1977, p. 793.

⁹ BARROS, João de. *Ásia, Primeira Década*. 4ª ed., Coimbra: ed. António Baião, 1932, p. 60.

¹⁰ Ver *Monumenta Henricina*. Coimbra, 1963, II, p. 353-354, para o texto da bula do Papa Martinho V, *Apostolice sedis*, datada de 26 Outubro de 1419, pela qual é conferido ao Infante D. Henrique o direito de contrair matrimónio com qualquer mulher que

desejasse, independentemente do grau de consanguinidade. Na altura, o Infante teria 25 anos de idade.

¹¹ ZURARA, Gomes Eanes de. *op. cit.*, p. xxxvi: "...Que...nom vivaes em comer, dormir, ouvir missas e semelhante...".

¹² MIJOLLA, A. de. *As Palavras de Freud*. Lisboa, 1983, p. 47.

¹³ GODINHO, Vitorino M. *Documentos sobre a expansão portuguesa*. III, Lisboa, 1965, p. 365-66: "...é fortemente improvável que o Infante se conservasse virgem toda a vida..."

¹⁴ Ver nota 14.

¹⁵ A questão é discutida com maior pormenor em LEITE, Duarte. *História dos Descobrimentos, Colectânea de Esparços*. Lisboa, 1962, II, p. 363-382.

¹⁶ São raros os estudos quanto à homossexualidade por parte de historiadores portugueses. No que respeita à história de homossexuais e desviantes, têm aparecido até à data apenas algumas abordagens (geralmente relacionadas com estudos inquisitoriais). Ver, por exemplo, DIAS, J. J. Alves. Para uma abordagem do sexo proibido em Portugal, no século XVI. In: *Inquisição: Comunicações apresentadas ao I Congresso Luso-Brasileiro sobre Inquisição*. Lisboa, 1989, II, p. 151-159.

¹⁷ Uma visão geral útil das diferentes interpretações feitas por Cortesão relativamente ao Infante D. Henrique é fornecida por CANAVEIRA, Manuel Filipe. Cavaleiro, Cientista, Mercador: Imagens do Infante. *Oceanos*, XVII, Março, 1994, p. 66-72.

¹⁸ CORTESÃO, Jaime. *O Infante de Sagres*. 4ª ed., Porto, 1960, p. 49.

¹⁹ CORTESÃO, Jaime. A Política do Sigilo nos Descobrimentos. Vol. 20 das *Obras Completas*. Lisboa, 1997, p. 15. Cortesão recorreu a este "método" principal ou exclusivamente para descobrir provas da prioridade portuguesa na descoberta de terras para lá da Europa e temáticas relacionadas.

²⁰ *Dicionário de História de Portugal*, III. Lisboa, 1968, p. 864.

²¹ Principalmente, no entender de Cortesão, para impedir que rivais castelhanos cobiçosos usurpassem a sua descoberta (Cortesão, *passim*).

²² Grifo nosso.

²³ CORTESÃO, Jaime. *op. cit.*, p. 55. Os "segredos desvelados" referem-se à descoberta dos Açores pelo Infante.

²⁴ *Ordenações do Senhor Rey D. Affonso V*. 5 volumes. Coimbra, 1792, V, Título XVII, 53-54. Esta censura e ameaça, muito embora possa não passar de "pano de boca", como mantém Oliveira Marques, deixa clara a dimensão da aversão pública e extrínseca da

época para com os homossexuais. Não apenas eram desprezados como estavam também sujeitos a certos perigos. Obviamente, o melhor a fazer por parte de alguém intensamente preocupado com a sua reputação, era tudo tentar para encobrir e disfarçar qualquer actividade do género, garantindo que informação alguma se difundisse, nem na época nem, por meio de provas documentais, no futuro.

²⁵ RUSSELL. *op. cit.*, p. 6: "O Infante, sempre muito consciente do facto de ser o centro das atenções, vivia obsessivamente preocupado com o problema de se assegurar que a sua fama era transmitida para a posteridade numa forma para si aceitável."

²⁶ CORTESÃO, Jaime. *op. cit.*, p. 59.

²⁷ De acordo com o horóscopo do Infante, na data do seu nascimento Marte encontrava-se na Casa XI, dos "Segredos e Ambições". Zurara interpretou isto no sentido de o Infante estar predestinado a desvendar segredos até então ocultos aos homens (RUSSELL. *op. cit.*, p. 3). Uma leitura melhor seria a de que o Infante D. Henrique teria segredos que teriam de ser ocultos aos homens. Seja como for, embora tenha sido aparentemente capaz de encobrir referências dos seus fortes laços emocionais com homens nas fontes portuguesas, não conseguiu evitar que Antoine de La Sale relatasse as suas extraordinárias expressões de desgosto (que relembram a do Imperador Adriano relativamente a Antínoo) aquando da morte de um amigo na batalha de Ceuta (SALE, Antoine de la. *Le Reconfort de Madame de Fresne*. ed. Ian Hill, Universidade of Exeter, 1979, p. 29-30. Ver também nota 47.

²⁸ RUSSELL. *op. cit.*, p. 379, n. 36.

²⁹ *Mon. Henricina*, V, p. 202.

³⁰ Que foi pai de oito crianças legítimas em dez anos de casamento para além de ter tido um filho bastardo.

³¹ ZURARA. *op. cit.*, p. xxxvi.

³² Existem várias edições da crónica de Zurara. Utilizámos a de José de Bragança: ver nota 6.

³³ ZURARA. *op. cit.*, p. 353.

³⁴ RUSSELL. *op. cit.*, p. 347-350.

³⁵ CARVALHO, Filipe Nunes de. *Historiografia Henriquina: Um pretérito imperfeito*, *Oceanos*, 17, 1994, 75: "É sabido que a *Crónica da Guiné*, destinada a glorificar a vida e os feitos do Infante D. Henrique, deveu-se a iniciativa do próprio D. Afonso V, grato pela opção de seu tio na conjuntura que culminou na batalha de Alfarrobeira. O carácter panegírico da *Crónica da Guiné*, natural quando se atenta no discurso encomiástico dos grandes heróis da nobreza que preside a todos os textos historiográficos de Zurara,

torna-se ainda mais compreensível desde que se levem em linha de conta as condições específicas em que foi elaborada.”

³⁶ CORTESÃO, Jaime. Do Sigilo Nacional Sobre os Descobrimentos. In: *A Expansão dos Portugueses no Período Henriquino, Obras Completas*, v.4, Lisboa, 1965, p. 276.

³⁷ ZURARA. *op. cit.*, p. 35-41.

³⁸ *Idem*, p. 39: “...a sentença do que ordena a história haja de haver maior autoridade acerca daquilo que escreve, que outra alguma, pois com maior cuidado inquire a verdade das cousas;...” E *passim*.

³⁹ Autor de *Factorum et dictorum memorabilium libri IX*; edição recente (Hildesheim & Nova Iorque, 1976).

⁴⁰ ZURARA. *op. cit.*, p. 38; César, um bissexual, era conhecido pela sua relação com o rei da Bitínia, bem como com outros homens: ver BOSWELL, John. *Christianity, Social Tolerance, and Homosexuality*. Chicago, 1980, p. 75.

⁴¹ BOSWELL, J. *op. cit.*, pp. 131-132; 159; 160-161; 362-363; e especialmente p. 347: “São João Crisóstomo escreveu provavelmente mais sobre o tema da sexualidade homossexual do que qualquer outro escritor pre-freudiano, à excepção de Peter Damian.” E ZURARA. *op. cit.*, p. 40: “Qual foi o homem cujas virtudes, por alguma visinhança de vícios, não fossem ofendidas? Certamente não sou eu aquele que isto saiba nem deva dizer de ti... não podem os seus feitos receber ofensa, por nenhuma coisa que faça na terra, posto que a alguns pareçam dignas de repreensão, que se lhe pode dizer aquele dito de S. Crisostimo, scilicet: que não ha aí cousa tão santa em que o mau interpretador não ache que travar.”

⁴² Ver MARQUES, Alfredo P. “...para o caso dos restantes membros da família de Avis, estas análises (i.e., psicológicas, morais e éticas) até são possíveis, pois eles deixaram textos escritos...para que hoje em dia...consigamos fazer a reconstituição do carácter e da maneira de pensar...” (*op. cit.*, p. 125).

⁴³ Cf. CORTESÃO, Jaime. *op. cit.*, p. 40.

⁴⁴ Cf. *Idem*, p. 41; também RUSSELL. *op. cit.*, p. 355-358. Na sua Introdução à biografia do Infante D. Henrique da autoria de Vitorino Nemésio, Luis Filipe F. R. Thomaz observa com pertinência que, ao contrário dos irmãos, o Infante D. Henrique pouco ou nada deixou escrito: “...dificultando assim que ao certo se lhe conheça o pensamento e se determinem com segurança os motivos que o nortearam, os escopos que o moveram e até os ideais por que pautou seu agir.” (NEMÉSIO, Vitorino. Vida e Obra do Infante D. Henrique. *Obras Completas*, vol. IX, xii).

⁴⁵ *Mon. Henricina*, V, 202: “...ça, certo he que comer, beber, dormyr, cantar, vyr, ver, ouuyr, companhia de molheres, casar, (itálico nosso)... trazem cansaço e perdymento ...”.

Para além disto, a carta que escreveu a seu pai, relatando os eventos do matrimónio do seu irmão D. Duarte a D. Leonor de Aragão é reveladora pela forma como trata o episódio do desmaio de Leonor, com uma espécie de desdém divertido para com a fragilidade feminina. Ver a tradução da carta de Russell: RUSSELL. *op. cit.*, p. 365-369.

⁴⁶ LA SALE. *op. cit.*, p. 29-30. “Et dirons des grans regrés, des souppirs et pleurs que le bon seigneur Don Henry, jour et nuit, faisoit pour la mort de son bon serviteur, que sy chierement en tous honneurs le avoit nourry et conseillé.Especialment dudit seigneur Don Henry que à prieres de pere, de freres, ne de quelzconques aultres, son grant dueil ne cessoit. Et quant resconfforter on le venoit, au roy et à tous disoit: “Hal monsieur, ha! messieurs mes freres, ha! vous tous, mes amis, qui est le cuer humain que ne aroit tousjours mais dueil de avoir perdu ung sy bon, ung sy loyal, ung si pseudomme, ung si vray ami e serviteur que cestui m'estoit, que jour et nuit me adreschoit,Et lors recommenchoient ses pleurs, ses plains et son merveilleux dueil, où il fut plusieurs jours, que tel pitié n'estoit. Et pour monstrar que il l'amoit, et que tenu en estoit, après l'an passé le dueil que de la royne sa mere il portoit, il vault trois mois, san faire barbe ne chevelux, le noir porter.” Devo profundos agradecimento ao Prof. Jonathan Beck (Universidade do Arizona) pelo seu apoio na tradução desta passagem para a língua inglesa.

⁴⁷ *Idem*, p. 32. Subsequentemente, o Infante D. Henrique criou uma fundação para pagar uma missa perpétua pela alma do seu falecido amigo.

⁴⁸ Por exemplo, Zurara: “...um Antão Gonçalves *seu guarda-roupa, homem assaz de nova idade*,” (65); “...Afonso Guterres, um outro moço da câmara...” (ZURARA. *op. cit.*, p. 66); “...Nuno Tristão, um cavaleiro *mancebo assaz valente e ardido, que fora criado de moço pequeno na câmara do Infante*...” (*Idem*, p. 72); “...Gomes Vinagre, *moço de boa geração, criado na câmara do Infante*...” (*Idem*, p. 75); “...um escudeiro, *criado de moço pequeno na câmara do Infante*...” (*Idem*, p. 97); “...Gonçalo de Sintra...era *um escudiero criado de moço pequeno em casa do Infante (creio que fora seu moço de estribeira)*...” (*Idem*, p. 129); “...dous moços da câmara do Infante, um que se chamava Lopo Caldeira, e outro Lopo d'Alvelos, e *um moço de estribeira* que havia nome Jorge...” (*Idem*, p. 134); “...*um moço da câmara do infante*, que eu depois conheci nobre escudeiro...” (*Idem*, p. 245); “[a respeito de Nuno Tristão]...aquele que *de tão pequena idade se criara em sua câmara*...” (*Idem*, p. 359); “...João Correia, e um Duarte d'Holanda, e Estevão d'Almeida, e Diogo Machado, homens fidalgos e *mancebos, que o Infante criara em sua câmara*...” (*Idem*, p. 361); “...*um moço da câmara do Infante*, que se chamava Airas Tinoco...” (*Idem*, p. 362); “...um nobre escudeiro, *criado da câmara do infante de moço pequeno, o qual era um mancebo mui ardido*...” (*Idem*, p. 369); “...*quatro mancebos que foram criados na câmara do Infante*...” (*Idem*, p. 372); “...*um moço da câmara do Infante* que se chamava João Gorizo...” (*Idem*, p. 376), etc., etc. (grifos nossos). ELBL, Ivana. *Overseas Expansion, Nobility, and Social Mobility in the Age of Da Gama. Portuguese Studies*

Review, 6:2, 1997-98, p. 55-56, menciona que "...o Infante D. Henrique utilizava tais viagens... para proporcionar... oportunidades aos jovens da sua residência de se distinguirem... Antão Gonçalves... tinha dezasseis anos de idade quando foi armado cavaleiro... tomando-se o "escrivão da puridade" do Infante, uma proeza deveras notável." Que outros serviços poderia ter realizado para o Infante D. Henrique antes de tomar parte nas suas expedições africanas de capturas de escravos não chega a historiadora a referir.

⁴⁹ SILVA, António de Moraes. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1890, I, p. 389.

⁵⁰ Ver a discussão quanto a câmaras (câmara de dormir; trescâmara; câmara de paramento; antecâmara; etc.) na obra clássica de MARQUES, A. H. de Oliveira. *A Sociedade Medieval Portuguesa*. Lisboa, 1964, p. 87-88.

⁵¹ DUARTE, Dom. *Leal Conselheiro*. Lisboa: ed. J. Piel, 1942, p. 303.

⁵² Ver SILVA, José Custódio Vieira da. O conhecimento do Paço Medieval através das reflexões de D. Duarte. *Revista de Ciências Históricas*. Porto, 1994, p. 156-7.

⁵³ Deve ter-se em conta que não é de todo impossível realizar actividades sexuais secretas em locais isolados de áreas quase-públicas de tribunais administrativos, como demonstraram os recentes escândalos que envolvem um presidente dos Estados Unidos.

⁵⁴ SOUSA, João Silva de. *A Casa Senhorial do Infante D. Henrique*. Lisboa, 1991, p. 315: "Com os moços da câmara, de ordinário criados em sua Casa, eis que surgem os seus familiares, comensais e colaços..."

⁵⁵ Por exemplo: ZURARA, *op. cit.*, p. 72: "...Nuno Tristão, um cavaleiro mancebo, assaz valente e ardido, que fora criado de moço pequeno na camara do Infante..." Ver também nota 49.

⁵⁶ Que os "moços da câmara" podiam estar em contacto íntimo com os seus "amos", por vezes até dormindo no mesmo quarto, é manifesto, por aquilo que se sabe de García de Resende e D. João II. Ver FREIRA, Anselmo Braamcamp. García de Resende. In: *Crítica e História*, I, Lisbon, 1910, p. 35-37. Deve ainda ter-se em mente que o uso de escravos africanos ("mouros") para satisfazer desejos homossexuais era suficientemente comum nos círculos da corte para ser celebrada em verso pelos poetas da época. Ver referências do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* em MARQUES, A. H. de Oliveira *A Sociedade Medieval Portuguesa*. Lisbon, 1964, p. 249, n.64. Um deles refere-se especificamente a um "mouro pastorinho" como objecto de satisfação sexual. O Infante trazia assiduamente tais escravos ("mouros") de África, para venda e sem dúvida para tarefas domésticas na sua residência: ver SOUSA. *op. cit.*, p. 213-214.

⁵⁷ SOUSA. *op. cit.*, p. 466.

⁵⁸ RUSSELL, *op. cit.*, p. 25: "... o Infante gostava de organizar ocasiões para exhibir fausto aparato, ele próprio apresentando vestuário dispendioso e assegurando que os seus servos usavam librés esplêndidas."

⁵⁹ Ver discussão sobre vestuário medieval tardio com ilustrações em MARQUES, Oliveira. *A Sociedade Medieval Portuguesa*, p. 39-42.

⁶⁰ SOUSA. *op. cit.*, p. 467.

⁶¹ CORTESÃO, Jaime. *op. cit.*, p. 59.

⁶² REICH, Wilhelm. *Character Analysis*. 3.ª ed., tradução para língua inglesa de Vincent Carfagno. Nova Iorque, 1990, p. 215-218.

⁶³ Se um rapaz, por qualquer razão, se detém no estágio Fálico Narcisista do desenvolvimento psicosssexual (3-5 anos de idade) e em resultado não chega a progredir para a fase seguinte da criação do Complexo de Édipo, o conflito triangular característico desta última não chega a ter lugar e por conseguinte nunca chega a ser resolvido. O resultado pode ser uma identificação fraca ou nula com o pai e a incapacidade para desenvolver uma orientação heterossexual madura. Ver, *inter alia*, BURSTEN, Ben. "Some Narcissistic Personality Types," *International Journal of Psycho-Analysis*. 1973, 54, p. 287-300. Também "A fixação no estágio fálico desenvolve um... carácter irreflectido, autoconfiante e narcisista – excessivamente vaidoso e orgulhoso. A incapacidade para resolver este conflito pode também levar a pessoa a sentir receio ou a ser incapaz de assumir uma relação amorosa; bem assim, Freud postulou que tal fixação pode constituir a origem primária para a homossexualidade." Ver STEVENSON, David B. *Freud's Psychosexual Stages of Development*. Brown University <Disponível em: <http://65.107.211.206/science/freud/PsychosexualDevelopment.html>>. Acessado em: 07 jan. 2003.

⁶⁴ ZURARA. *op. cit.*, p. 21: "...foi homem de carnadura grossa e de largos e fortes membros." Também a descrição da testemunha ocular Antoine de La Sale (LA SALE. *op. cit.*, p. 28): "...ledit seigneur Don Henry, iij^e filz du roy, josne, de xviii á xx ans et de son aage tresbel, de corps grant et puissant..."

⁶⁵ Ver RUSSELL. *op. cit.*, p. 50.

⁶⁶ *Idem*, II, p. 351; ver também nota 26.

⁶⁷ ZURARA. *op. cit.*, p. 23: "...em algumas cousas vagaroso."

⁶⁸ *Idem*, p. xxxvii: "Que...nem ajaes as cousas por feitas antes que ho sejam, mas acabai-as perfeitamente.....não como vosso coração, de huma parte, com desejo de muito fazer. Quer ingolir antes que bem mastigue, e d'outra se faz isto por huma sutil parte

de ociosidade, por que a vontade e entender com pratica hão por maior trabalho huma cousa perfeitamente acabar, que muitas englodadamente cuidar que acaba, em as quaes o mais fica por fazer....”

⁶⁹ RUSSEIJL. *op. cit.*, p. 185.

⁷⁰ Ver nota 49.

⁷¹ O que traz à mente a forma como os irmãos Cortesão consultavam mapas antigos para recolher informações sobre viagens secretas.

⁷² Ver ilustração. Os ramos espinhosos são também sugestivos da personalidade irritadica tão frequentemente encontrada nos tipos fálico-nascistas (REICH. *op. cit.*, p. 217). O retrato supostamente do Infante cercado pela sua empresa, frequentemente reproduzido, é originário da *Crónica dos Feitos de Guiné*. Paris: Bibliothèque Nationale, Inv. Ms. 73391; Portugueses n. 42; Suplemento Francês n. 236).

⁷³ RAU, Virgínia. Les emblèmes et l'histoire des techniques au Portugal au cours des Xve et XVIe siècles. *Mélanges en l'Honneur de Fernand Braudel*. Paris, 1973, p. 487-496, dá-lhe o nome de carvalho, embora Oliveira Marques o identifique com a carrasqueira, um arbusto da família do carvalho (MARQUES, Oliveira. *op. cit.*, p. 259).

⁷⁴ De facto, o termo latino para bolota é *glans*, a semelhança entre uma bolota e a cabeça do pénis era bem conhecida na antiguidade.

⁷⁵ FLAUBERT, Gustave. *Bouvard et Pécuchet*. cap. IV: “Anciennement, les tours, les pyramids, les cierges, les bornes de routes, et même des arbres avaient la signification de phallus....” Uma “pirâmide” e um círculo podem ser lidos como heterossexualidade, mas a presença das duas “pirâmides” tornam inequívoco o significado homossexual da empresa. Existe uma discussão extensa desta empresa em *O Rosto do Infante* (IOMAR, 1994?, p. 20-23), em que as pirâmides são descritas como “enguias”. É interessante que nesta obra a legenda verbal seja designado como “empresa” e os símbolos como “divisa”, enquanto que Oliveira Marques deixa clara a distinção entre a imagem, a que chama de “empresa”, e as palavras sobrepostas (a divisa). MARQUES, A. H. de Oliveira *Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV*. Lisbon, 1987, p. 259.

⁷⁶ RAU. *op. cit.*, p. 487-496, ao citar Oliveira Martins, apreendeu um sentido errado da expressão, traduzindo-a como “desejo para agir com justiça.”

⁷⁷ Não só Salazar era solteiro, tal como o Infante D. Henrique, e supostamente casto e sem filhos, mas também, tal como o Infante, tinha a reputação de se ter absterido aos poucos do álcool. Isto levou o grande poeta português, Fernando Pessoa, a escrever uma das suas mais divertidas rimas a respeito de Salazar: “Que o coitadinho/Do tiraninho/Não bebe vinho,/Nem até/Café.” (*Páginas de Pensamento Político-2*; 1925-1935. Lisboa, 1986, p. 84). Duarte Pacheco é a testemunha da abstinência do Infante

perante o vinho (PEREIRA. *op. cit.*, p. 77): "...nunca conheceu mulher nem bebeu vinho..." embora o testemunho de Pereira advenha quase meio século depois do falecimento do Infante.

⁷⁸ Deve notar-se que apesar de não ter conseguido realizar a sua ambição de se tornar rei de Castela ou de Granada (RUSSELL. *op. cit.*, p. 147-148), o Infante D. Henrique conseguiu adquirir, em toda a probabilidade, o estatuto de "rainha do armário", embora tal fosse conhecido apenas por si próprio e por alguns dos seus companheiros mais chegados.

⁷⁹ A aplicabilidade desta passagem a Zurara é inquestionável.

⁸⁰ CORTESÃO, Jaime. *op. cit.*, p. 122.

⁸¹ *Idem*, p. 74.

RESUMO: Fazendo uso da idéia de *sigilo* de Jaime Cortesão como metodologia, o artigo examina a personalidade e sexualidade do Infante D. Henrique. Começa por analisar a sua "castidade" à luz da sua política de segredo e enconbrimento que Cortesão habilmente descobriu, para depois reunir e ordenar todas as testemunhas disponíveis, tanto circunstanciais como psicanalíticas, que podem servir para esclarecer o enigma do seu caráter. Por fim, o estudo conclui que o seu caráter e sua personalidade enquadram-se perfeitamente na categoria do "narcisismo fálico" elaborada por Freud e seus discípulos e levanta a hipótese de que muito provavelmente o Infante apresentava tendências homossexuais.

ABSTRACT: Using Jaime Cortesão's concept of *sigilo* as a methodological approach, as well as the insights of Freud, the article discusses Prince Henry's personality and sexuality. It begins by analyzing his claims of chastity in the light of his policy of secrecy and concealment as put forth by Cortesão, and then proceeds to collect all the available evidence, both circumstantial and psychoanalytical, that might help to illuminate the mystery of his character. The article concludes that his character and personality fit almost perfectly into the Freudian category of "phallic narcissist" and goes further to suggest that it is quite possible that he had a homosexual orientation as well.